

# BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

1 DE SETEMBRO DE 1910

N.º 279

## Uma embaixada allemã em Lisboa



Sua Alteza Real o Principe Frederico Leopoldo da Prussia dirigindo-se para o Paço das Necessidades afim de entregar a El-Rei a carta autographa de Guilherme II e as insignias da Aguia Negra

(Cliché de J. Benoit).

## A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

*Canta-se mais uma vez as delicias da pacata e parrana vida portugueza. — O cholera. O que foi, é e virá a ser esse flagello. — A Edade Media no seculo xx. Um dia que não vem longe... — Eleições. Nunca as houve tão renhidas desde 1878. O governo defrontando-se com o bloco das direitas. Os republicanos. Quem levará a melhor? — Regresso de El-Rei. — A embaixada allemã. — A obra meritória da Assistencia Nacional aos Tuberculosos. — O desastre da canhoneira «Tejo».*

**A** doravel paiz, este nosso Portugal! Deliciosa terra para quem queira viver em paz! Como os dias se succedem tranquilllos, sórnas, inalteravelmente eguaesinhos em pacatez, passando á valla commum do Tempo sem que um acontecimento de importancia fique a marcal-os na nossa memoria. Admiravel terra, santa terra! Isto é um paiz de excepção privilegiado pela Providencia, onde um infeliz passa quinze dias á cata de aconte-

teiros transformaram-se em enormes cemiterios. E o arabe Caracaleb gritava aterrado: — «Os mortos são tantos como as areias do mar!»

Um navio mercante levou o flagello a Chypre. Os musulmanos, senhores da ilha, perderam de todo a serenidade. Pois que, iam morrer, todos? E os escravos ficariam livres e com as suas riquezas? Não! E aprestaram os seus navios e reuniram as suas hostes e conceberam um plano grandiosamente horrivel: matar todos os escravos e fugir! Fugir para terras saudaveis, levando as tapeçarias preciosas, as moedas de ouro, as joias, os perfumes... Abandonar a ilha, transformada de paraíso terrestre em feudo maldito do flagello!

Mas não tiveram tempo para pôr em pratica o horrivel projecto. Antes da hora designada para a matança e a fuga, um furacão passou, assolando tudo. Tremeu a terra, abrindo enormes fendas. Ruíram as mesquitas e as lindas moradias e jardins foram engulidos pelos abysmos. O mar tragou os navios atulhados de riquezas e avançou, terrivel, sobre a terra. E uma densa bruma envolveu tudo, chegando a Helade, cobrindo-a com um véu de lucto, annunciando á Europa descuidada que o horrendo flagello ia surpreendel-a em meio das suas guerras, dos seus festins e dos seus torneios...

E por essa Apulia, triste e misera região sempre ameaçada pela invasão oriental, sobre cujos pantanos fluctua a desgraça, penetrou o cholera nas terras occidentaes. Veneza perdeu cem mil habitantes. Outros tantos perdeu Florença. Em Piza, setenta por cento da população foi victima do flagello. Em Siena, em Genova, em Napoles

## De volta do Bussaco

### Chegada de El-Rei a Lisboa



(Cliché de A. C. Lima).

A carruagem real descendo da estação da Avenida

cimento que lhe dê um artigo de jornal e ao cabo d'esse lapso de tempo se encontra com meia duzia de violencias eleitoraes mal repartidas pela Guarda, Vizeu e Torres Vedras. E disse...

Ao passo que lá por fora... Por toda a parte desastres de aviação, grandes e impressionantes crimes, grandes descobertas scientificas, como a do «606», o cholera...

Como devem ter lido, o cholera manifestou-se na Russia e n'um tragico salto cravou a sinistra garra nos campos da Apulia. O horrendo phantasma vagueia pela charneca pantanosa e arida e a sua silhueta espectral faz estremecer os mais valentes. Para o combaterem os homens de sciencia empregam esforços desesperados. E, por traz d'elles, aterrada, a Europa espera os resultados da lucta. Vencel-o-hão? Conseguirão confinall-o n'essa pobre e ensanguentada Russia acoçada por todas as desditas?...

O cholera!... Que terrivel historia a d'esse flagello que desde a Edade Media, com pequenas treguas, tem alligido a humanidade! Veiu do Oriente... Na Syria e Egypto uma estranha enfermidade, desconhecida dos sabios e do vulgo, convertia as cidades em vastos cemiterios. O Cairo perdeu em uma semana noventa mil dos seus habitantes. Gaza ficou quasi deshabitada. Em Alexandria, bairros in-

as victimas contaram-se por centenas de milhares. Os campos ficaram desertos. Os fructos apodreceram sobre a terra uberrima. Povoações houve, como Trapani, onde não se salvou ninguém.

E enquanto a Italia agonisava, o contagio estendia-se pela França, pela Allemanha e Paizes Baixos. Em Paris morriam sem socorros medicos oitocentas pessoas por dia. Em poucos annos desapareceu a terça parte da população europeia. Muitos julgaram que se approximava o fim do mundo. Terriveis furacões e espantosos terremotos annunciavam a chegada da epidemia. E esta avançava, avançava sempre, transpunha o mar, chegava á Inglaterra, deixando após cidades abandonadas e silenciosas, campos ermos, portos sem navios, castellos e palacios vassios, cabanas convertidas em sepulturas...

A pobre humanidade aterrada rojava pelo solo implorando misericordia. Eram poucos os espiritos fortes que, como os de Boccacia, desafiavam o tetrico phantasma entre canticos, festins e risos. Os poderosos e os humildes, confundidos na fraternidade do terror, aguardavam, tremendo, a hora suprema, e o seu choro convulso e as suas palavras de arrependimento subiam aos céus n'um immenso clamor...

E dizemos que hoje essas scenas se repetem n'uma região geographicamente europeia! A Russia, apavorada, nem lucha contra o cholera. Espera ansiosa o seu inverno, as suas neves, os seus gelos,

O flagello não virá até nós. E apoz alguns infructuosos assaltos, confinar-se-ha no oriente onde tem a sua residencia historica. E lá irá algum dia a civilização acommettel-o a rosto descoberto, fazel-o prisioneiro, encerral-o n'um tubo de vidro e expol-o, inoffensivo, á curiosidade das novas gerações sans e fortes...

## Uma embaixada allemã em Lisboa



O Principe Leopoldo da Prussia, cunhado do imperador da Alemanha, sahindo do Paço de Belem para ir ao Paço das Necessidades entregar a El-Rei as insignias da Aguia Negra

(Cliché de A. C. Lima).

o seu immenso sudario branco que, cobrindo a steppe, sepultará os cadaveres abandonados e matará os germens que o verão alimenta.

Oh essas multidões que fugindo dos lazaretos, dos hospitaes, dos medicos que recorrem ao incendio para combater o contagio e do espectáculo dos atacados que agonisam nas cabanas, percorrem as estradas abrasadas de sol procurando as egrejas, pondo a sua unica esperanza na misericordia de Deus! Essas tristes mulheres de Moscow que invadem o Kremlin, chorando e supplicando a Deus, os braços em cruz, proteja a Russia a Santa! Essas creanças orphãs, abandonadas, sem ninguem que as defenda, as alimente e as ampare, errantes pelos campos, comendo as espigas dos trigaes queimados, bebendo nos charcos a agua estagnada, dormindo sob o céu impassivel e deixando nos caminhos os corpos exanimados dos irmãos na desgraça a quem o mal atacou! Esses camponeses das provincias do Baltico, que fogem para os bosques, levando comsigo o germen da peste, perseguidos pelos soldados que querem á força livral-os da morte que cravou n'elles a sua garra!

A Edade Media! Para Edade Media em pleno seculo da vida respeitada, do direito reconhecido, do sôro que immunisa, da asepsia que vence a infecção, da cirurgia que opera sobre as visceras vitales, do telegrapho que transporta a ideia, do vapor que substitue o escravo, da electricidade que illumina e emancipa, do aeroplano que não conhece fronteiras e voa entre nuvens!

Felizmente, nem tudo é Edade Media n'esta Europa do seculo xx. Ha uma Russia e uns Reinos que ainda se mantem os estados sociaes que produzem ou fomentam as pestes negras. Mas ha tambem uma muralha espirital que se ergue como uma barreira por traz da qual os soldados da sciencia, vencedores de incruentas batalhas nos laboratorios e nas clinicas, se erguem serenos e confiantes.

Á hora a que escrevo esta chronica realisa-se por esse paiz fóra o acto eleitoral. A batalha deve ser formidavel. Desde 1878 que se não fere entre nós lucha politica, na urna, tão renhida. Ha dois mezes que governo e opposições se aprestam para este combate decisivo entre uma supposta esquerda e uma supposta direita, que são direita e esquerda e vice-versa... conforme as circumstancias.

A quem caberá a victoria? O governo, ao que parece muito sereno, diz pachorrontamente pelos jornaes officiosos que não tem duvidas sobre o seu triumpho. Por seu lado, as opposições monarchicas colligadas garantem-lhe uma derrota formidavel. Entre os dois a agatanharem-se, os adversarios das instituições tratam de aproveitar habilmente o ensejo que elles lhe facultam desperdiçando energias e fragmentando o seu invencivel poder eleitoral, para arranjar a sua vida o melhor possivel, isto é, para mandarem á camara um numero de deputados com que nunca sonharam.

E' claro que o governo ha-de ter maioria. Grande ou pequena mas ha-de tel-a. Por todas as razões e mais uma. Elle é que tem o queijo n'uma mão e a faca na outra. E com o governo... é que a gente se governa. O velho partido regenerador enfraquecido por duas importantissimas dissidencias não tem, hoje, o poder eleitoral d'outros tempos. Mas é governo e todos nós sabemos — sem o termos exercido — o que é, o que representa, o que vale ser governo. Aqui e em toda a parte. Os regeneradores hão-de ter maioria, não ha duvida, a despeito da guerra sem treguas que todos os grupos politicos colligados lhes movem. Resta saber se essa maioria que tudo leva a crer será pequena, garantirá ao governo vida desafogada no Parlamento.

El-Rei regressou ha dias do Bussaco apoz um mez de férias n'aquella remançosa, deliciosa estancia. Veiu directamente a Lisboa, não fazendo a annunciada visita a Torres Novas, onde tencionava assistir aos exercicios da escola pratica de cavallaria, que decorreram brilhantemente, diga-se de passagem, por conselho do governo, baseado n'uma epidemia de typho, que allí grassa.

Tres dias depois recebeu Sua Magestade, com o cerimonial costumado, a embaixada allemã da chefia do principe Frederico Leopoldo da Prussia, que veiu entregar a El-Rei as insignias da ordem da Aguia Negra e uma carta autographa do imperador Guilherme II.

O principe, que na sua curta estada entre nós visitou Cintra, onde apresentou as suas homenagens ás Rainhas Mãe e Avó, o museu de artilharia e os regimentos de lanceiros 2 e cavallaria 4, sendo nomeado tenente-coronel honorario d'este ultimo, ficou verdadeiramente encantado, na phrase do coronel Hetzel, que o acompanhava, com a terra portugueza. O embaixador allemão retirou no sud-express do dia 27.

Prosegue a meritoria obra da Assistencia Nacional aos Tuberculosos. Na praia da Trafaria tomam actualmente banhos, a expensas da admiravel instituição, 201 creanças, que compõem a primeira



Uma embaixada allemã em Lisboa  
O cortejo a caminho das Necessidades  
(Cliché de J. Benollet)



Uma embaixada allemã em Lisboa

*O Principe Frederico Leopoldo da Prussia cumprimentando os officiaes da escolta que o acompanhou ás Necessidades*

(Cliché de J. Benoitel).

das tres turmas organisadas, ás quaes é depois servida uma refeição de pão e leite.

A proposito: Vae ser installado na Figueira da Foz, pela Sociedade Figueirense de Assistencia aos Tuberculosos, um dispensario para tratamento de tuberculosos, em externato. A Assistencia Nacional contribue para a construcção de um edificio apropriado com 2:410\$000 réis.

A canhoneira *Tejo*, que fóra mandada sahir, encalhou nas Berlengas, soffrendo importantes avarias. Rebocada para Lisboa por um vapor, vae soffrer as necessarias reparações, dizem uns, sendo outros de opinião que a *Tejo* é um navio perdido.

CAMARA LIMA.

A maior felicidade e a maior desgraça é não desejar cousa nenhuma.

68

Nós queimamos as azas como os insectos: mas, desgraçadamente não morremos.

Carmen Sylva.



Uma embaixada allemã em Lisboa

*O sr. conselheiro Teixeira de Sousa, presidente do conselho, entrando no Paço de Belem para cumprimentar o enviado do imperador Guilherme II*

(Cliché de A. C. Lima)

# Palestras navaes

I

## Os progressos da navegação para Moçambique

**E**m todos os paizes que possuem colonias são as communicações o meio mais eficaz de as desenvolver, de n'ellas insuflar a vida e a civilisação, de com ellas estabelecer relações que se vão estreitando cada vez mais, e que ao passo que as constituem mercados para os productos da mãe patria tornam esta egualmente mercado para os productos exóticos.

Com a costa Oriental d'Africa as nossas communicações teem passado por varias transformações nos ultimos 50 annos. Em tres grandes gru-



Uma embaixada allemã em Lisboa

*O embaixador allemão, Principe Frederico da Prussia, sahindo do Paço de Belem para visitar a cidade*

(Cliché de J. Benoitel).

pos se dividem essas communicações segundo a época em que se operam: Pelo Cabo da Boa Esperança em navios de véla directos, e depois da abertura do canal de Suez pelo Norte e pelo Sul dando a volta ao grande continente.

Pelo Cabo da Boa Esperança labutavam em longas e trabalhosas viagens ás vezes de 120 dias e raras vezes de menos de 75 as galeras «Viajante», e «Joven Carlota», as barcas «Novo Paquete», «l'enha Longa», «Zambezia», «Tejo», o lugre «Oriental», os brigues «Assombro», «Africa Oriental», os patachos «Olinda», «Gertrudes», yachts «Agua» e varios outros cujos nomes a memoria não conservou. Estes navios não tinham épocas certas e fixas de viagem; iam quando havia carga e quando calhava.

Além d'estes navios, que iam de Lisboa em viagem larga e seguida, iam

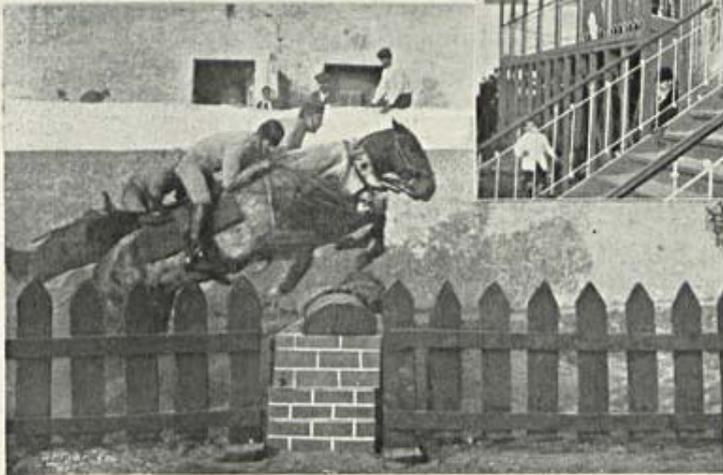
de Marselha e de Rotterdam navios francezes e holandezes na mesma derrota buscar generos oleoginosos pertencentes ás casas francezas *Augustin Fabre & Fils*, *Mante freres et Boreli de Regis Ainé*, a *Handels Compagnie Mozambique* e algum navio accidental á especulação aventureira.

Durante a monção propria de abril iam da costa da India para Moçambique, os pangaios de cabotagem e os brignes e yachts tripulados por mahometanos que faziam a travessia de Goa, Damão ou Bombaim em 20 dias pouco mais ou menos de escotas aventadas. Esses navios traziam algodões e fazendas da India e levavam marfim. Eram ás vezes aproveitados por especuladores para communicações rapidas, se havia o cuidado de mandar a correspondencia para Bombaim ou Goa ou se havia n'essas terras pessoa cautelosa que postava essa correspondencia pelo navio mais proprio para Moçambique. Isso porém, era muito contingente; o governo nunca aproveitava esses meios porque as massadas estão prohibidas.

Ha 41 annos, em novembro de 1869 foi aberto o canal de Suez ao transitio maritimo de todas as nações, e esse grande acontecimento operou uma enorme transformação nas communicações com o Oriente. Esteve durante tres dias o canal franco ao transitio gratuito de todas as bandeiras. Mas Portugal brilhou pela sua ausencia de navios de guerra! A corveta «Estephania» que sahiu de Lisboa expressamente para esse fim desarvorou no Mediterraneo e regressou ao Tejo desmantelada. A corveta «Infante D. João» sahiu de Moçambique em outubro de 1869 pelo Cabo para Lisboa, pelo antigo caminho já muito conhecido e trilhado. Pois não houve forças humanas que convencessem o commandante a ir pelo Norte. Respondia invariavelmente:

— «Nada, vamos pelo Cabo que é caminho conhecido; o seguro morreu de velho; por aqui sabemos nós como se navega, mais por aqui mais por ali ha caminho, emquanto por um canal apertado, quem sabe lá como aquillo será!»

A galera «Viajante» velho navio de teca que ainda anda encarreirada para Cabo Verde tendo quasi 70 annos de idade, como a fragata «D. Fernando», foi quem dignamente representou a bandeira portugueza n'aquella festa internacional do progresso que tão criticada e amesquinhada foi por uma certa classe de publico descrente



Soldados de lanceiros saltando obstaculos

d'esse tempo. Commandava-a o velho capitão José Sabino Gonçalves, ha pouco fallecido.

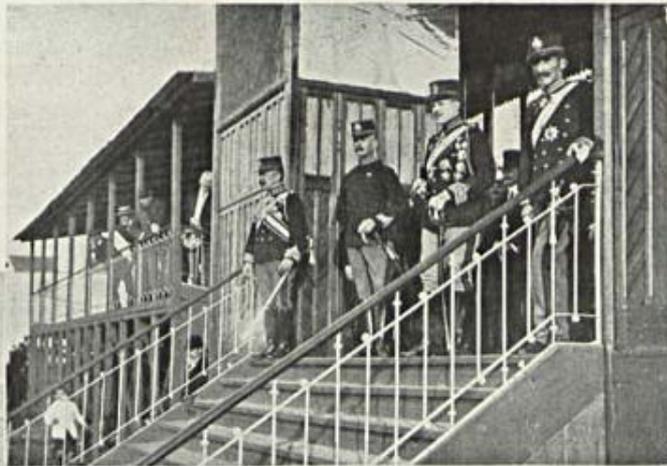
Os inglezes como não haviam sido elles os iniciadores d'aquella grandiosa ideia mofavam d'ella e chamavam-lhe foço, caneiro ou rego *ditch*, e aos navios que frequentavam o dito foço chamavam-lhes por despreso *ditchers*. Esta sarcastica brincadeira durou pouco, porque esses mesmos inglezes como homens praticos e apreciadores do bom onde quer que o encontrem, reconheceram em poucos annos o valor do grande canal e foram a breve trecho apropriando-se das acções todas que appareciam no mercado e hoje estão quasi todas em mãos de subditos britannicos cuja nacionalidade domina e prepondera no canal como aliás domina em todo o Egypto soberana e politicamente.

A companhia internacional era originariamente franceza mas luctou nos primeiros tempos da construcção com grandes difficuldades de varias ordens que por vezes iam fazendo sossobrar a empreza. Uma vez era a falta de agua doce para os trabalhadores do canal, os pobres *fellahs* que não podiam comprehender para que os faziam trabalhar ao sol sem entreverem resultado aos seus labores. Construiram finalmente um canal ao longo do traçado do canal maritimo projectado e isso foi um notavel acontecimento para os povos ribeirinhos. Os velhos encanecidos affeitos já ás privações exultaram e choravam de alegria ao verem correr a agua doce do Nilo para o mar Vermelho! Estava vencida uma grande difficuldade mas restavam muitas mais.

Os incredulos e os detractores enxameavam em volta da ideia, de-

preciavam-a e as acções desciam de valor successivamente deante das intrigas d'este côro de mal intencionados. Mas como a maior parte dos accionistas são privados de bom senso como ultimamente temos por cá visto, e se convencem em qualquer paiz com uma noticia de sensação, sobretudo passando-se a coisa lá tão longe, resolveu o grande Lesseps, o entusiastico e genial propugnador do canal maritimo de Suez, servir-se de um engraçado estratagemas. Teve a sublime ideia de fazer passar pelo canal de agua doce um navio de guerra autentico e real, um yacht do governo francez que passou quasi ao collo revestido exteriormente de toneis para lhe augmentarem o poder de fluctuação e demandar ainda menos agua. O yacht que era a «Levrette» levava o porão varrido á vassoura, os masts fóra, e foi depois armado outra vez em Suez, apregoando-se em altas vozes por toda a parte que um navio de guerra tinha realmente passado do Mediterraneo para o Mar Vermelho pelo canal, e era a pura verdade. E o caso foi que as acções foram subindo!

O canal de Suez apresentava de seu principio difficuldades que se afiguravam graves. Suppunha-se que o nivel dos dois mares teria uma differença de 7 metros, e procurava-se explicar isso com a grande differença de temperatura nos dois mares, com a aridez do isthmo, do mar Vermelho, com o apertado leito do mesmo mar, e era-se naturalmente levado á conclusão de que devia necessariamente existir uma corrente do Norte para o Sul. Por esse motivo e querendo-se de alguma maneira embaraçar essa corrente ou não lhe dar facilidade para que ella augmentasse, entendeu-



Uma embaixada allemã em Lisboa

O Senhor D. Manuel, tendo á direita o principe Frederico Leopoldo da Prussia fardado de tenente-coronel de cavallaria n.º 4, assistindo aos exercicios de lanceiros

(Cliché de J. Benoitel).

se dar á direcção do canal algumas inflexões ou angulos em logares propios onde a agua quebrasse um pouco e perdesse a sua velocidade ou a affrouxasse sensivelmente.

Com a pratica que dá a experiencia, a mestra por excellencia das coisas da vida, que vem ás vezes desmentir as theorias mais bem combinadas e deduzidas de argumentos bem imaginados, reconhecer-se que no canal de Suez não havia corrente e que as aguas do Mediterraneo e as do mar Vermelho se encontraram sem espanto, sem lucta, em paz e quietação! Pois até certo ponto foi pena porque eram desnecessarias as inflexões e cotes que intencionalmente se deixaram no canal. Foram facéis de se fazer, mas teem sido bastante difficéis de se apagarem ou limarem com o trabalho de dragas para quebrar ou suavisar esses angulos.

A «Levrette» passou para o golfo de Suez e mar Vermelho, e no anno seguinte encontrámol-a nós nas Seychelles á espera da mala da Europa para ser transportada para Mayotta. A «Levrette» era então commandada pelo primeiro tenente da armada E. Parrayon que em 1897 encontrámos em Brest, vice-almirante commandando a esquadra do Norte com o seu distinctivo no «Hoche». N'outro artigo falaremos da «Levrette.»

AUGUSTO DE CASTILHO.

Quando exaggeramos a ternura que os nossos amigos nos consagram, a maior parte das vezes não é tanto por gratidão como pelo desejo de ostentarmos o nosso merito.

A mulher que se dedica a escrever augmenta o numero dos livros e diminue o das mulheres.

## Banhos organizados pela Assistencia Nacional aos Tuberculosos



(Cliché de A. C. Lima).

Na Trafaria. — As crianças que tomaram banho no primeiro dia

## O algodão

É a felpa sedosa, geralmente branca, que se encontra adherente ás sementes do algodoeiro, *Gossypium*, da familia das malvaceas.

Não se conhece com exactidão a data da descoberta do seu emprego como textil nem tão pouco o paiz onde essa descoberta foi feita; Herodoto, que viveu 480 annos antes de Christo, já conta que na India havia arvores que produziam velos de que os indigenas faziam tecidos, e que uma couraça enviada de Sparta a Amasis, rei do Egypto, fôra adornada com ouro e os mesmos velos das arvores.

Theophrasto, Strabão e Plinio affirmam que no seu tempo a tecelagem do algodão era uma industria já antiga na India e no Egypto.

N'este ultimo paiz existiam numerosas fiações d'este textil na epocha dos Ptolomeus.

No principio da era christã os tecidos de algodão eram muito empregados na Grecia e na Italia, espalhando-se para a Europa occidental no tempo das cruzadas.

Os hespanhoes encontraram tecidos de algodão na America, quando a descobriram, e Alvares Cabral, ao descobrir o Brasil, observou tambem que era ali empregado para as camas. Na Guiné é conhecida a sua cultura desde 1519.

Como se vê, a cultura do algodão é conhecida na zona intertropical, pôde dizer-se, desde a epocha em que ha conhecimento dos paizes n'ella comprehendidos, e ainda se conserva nas regiões onde foi encontrada, estendendo-se hoje a toda a zona quente do globo.

As plantações de algodão acham-se actualmente por toda a India, Asia Central, Egypto, Siria, Estados-Unidos da America, Brasil, Peru, algumas ilhas do Pacifico, Mexico, Argelia, Australia, Turquia, Sicilia, Malta, Hespanha, Criméa, Grecia e, em Portugal, tivemos ha annos occasião de ver alguns pés em um quintal d'uma povoação alemtejana.

A Russia tem nos ultimos tempos feito os maiores esforços para desenvolver esta cultura nas vastas regiões irrigadas ou irrigaveis pelos rios Amur e Murghab; pôde dizer-se que o algodão é mais ou menos intensamente cultivado em toda a larga faixa comprehendida entre o quadragesimo paralelo norte e o trigesimo sul.

De facto, as exigencias da planta relativamente á temperatura limitam-se ao seu periodo de desenvolvimento, que é de cinco a oito mezes, durante o qual precisa de 19° a 27°, havendo por isso o cuidado nos paizes sujeitos a grandes variações de temperatura, onde é cultivado, de fazer as sementeiras em epocha em que os frios já não sejam de receiar.

Tomada esta precaução adapta-se a climas bastante differentes, desde o do Brasil, por exemplo, onde é cultivado em pontos cuja media annual de temperatura

é de 27°, até outros dos Estados-Unidos, onde no inverno o thermometro desce muitos graus abaixo de 0°.

O terreno, a humidade atmospherica, etc., teem dado origem a variedades da planta que, quasi pôdem dizer-se innumeradas, a muitas das quaes não correspondem qualidades caracteristicas da fibra, tanto mais que a mesma semente pôde dar origem a uma planta de porte arboreo na zona tropical e a outra de porte herbaceo na zona temperada quente.

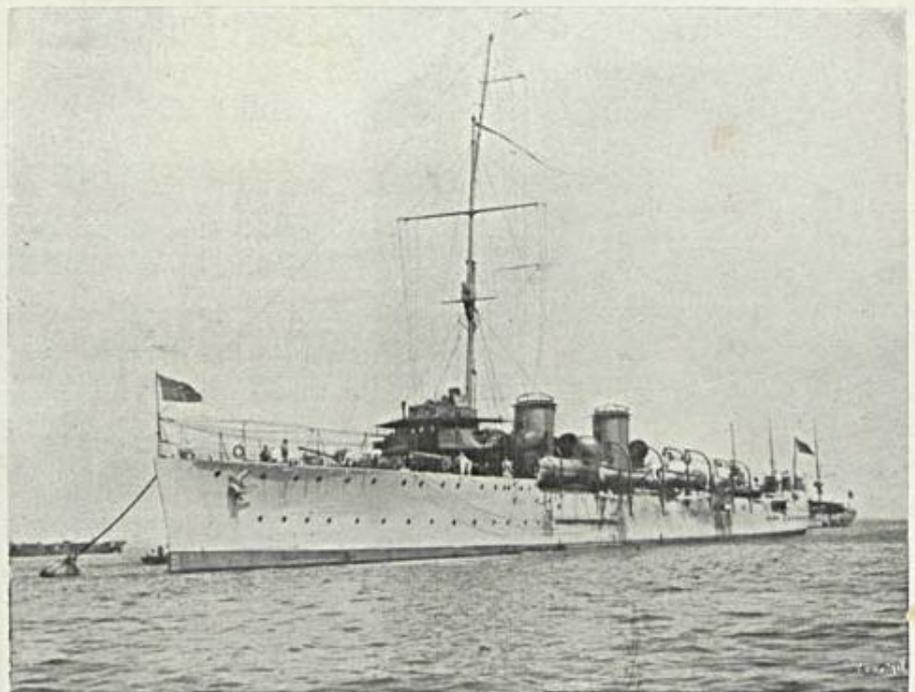
Segundo o dr. Forbes Royle, apenas quatro typos se pôdem considerar rigorosamente definidos e n'elles pôdem encontrar cabimento (ou se acham incluídas) as numerosas variedades conhecidas.

Esses quatro typos são o *Gossypium Peruvianum*, *G. Indicum*, *G. Barbadosense*, *G. Arboreum*; pertencendo ao primeiro a maioria do cultivado no Brasil e Perú, ao segundo o da India, ao terceiro o Bourbon, India Occidental, Sea Island, Uplands, Nova Orleans e Mexico, ao quarto as variedades arboreas e arbustivas.

Um caracteristico notavel do peruviano é ser perenne e só dar fructo no segundo anno, emquanto que todas as outras variedades herbaceas são annuaes e tambem as mais geralmente cultivadas por mais fructíferas.

As melhores regiões algodoeiras são as situadas junto do mar, porque a planta não só exige uma atmospherica humida como tambem prefero os terrenos saigados, sendo o melhor producto o das plantações situadas junto das costas da Carolina do Sul, Georgia e Florida, nos Estados Unidos.

## MARINHA DE GUERRA BRASILEIRA



(Cliché de J. Benoliel).

O cruzador «Rio Grande do Sul»

## Exercícios de cavallaria em Torres Novas



Passando o rio Almonda

Além de salgado, o terreno deve ser argiloso e rico de saes de soda, potassa, cal e magnesia, sendo indispensavel tambem o acido phosphorico.

Deve tambem ser fundo e facilmente penetravel á raiz, que póde calcular-se que occupa 1<sup>m</sup>,5 metros cubicos de espaço.

São argilosos os terrenos das principaes zonas algodoeiras.

O da Georgia é argilo-arenoso com muito humus e cal.

As planicies do Mississippi e Alabama, de origem alluvionaria, são tambem de argila, tão tenaz n'esta ultima região, que a passagem da roda de um carro deixa no solo um sulco quasi polido.

O da India é negro, fortemente argiloso, com bastante cal, muito pegajoso quando humido e abrindo largas fendas no tempo secco.

As melhores terras algodoeiras do Brasil são argilosas até uma grande profundidade e produzem algodão muitos annos sem adubação alguma.

No Alabama a terra é argilo-aluminosa, compacta, contendo nas proporções convenientes as substancias mineraes e organicas que a planta carece, possuindo tambem grande capacidade de conservação do calor, humidade e gazes, dando por isso muito bons productos.

O modo de cultura nos Estados Unidos consiste em abrir vallas fundas, á distancia de 1<sup>m</sup>,5 a 1<sup>m</sup>,8 umas das outras, ficando o estreme, que se emprega em abundancia, enterrado nas lombas que dividem as vallas, em cuja crista as sementes são lançadas ás tres e quatro, ou á mão ou com semeador, em um sulco de 0<sup>m</sup>,03 a 0<sup>m</sup>,04 de profundidade, immediatamente cobertas por meio da grade ou da enxada, sendo em geral as operações feitas todas á machina.

A planta leva 10 a 15 dias a apparecer e logo que tem attingido um certo desenvolvimento monda-se, arrancando os pés mais fracos, deixando ficar apenas dois a quatro juntos, dos quaes mais tarde se aproveita o melhor, em torno do qual se junta a terra de vez em quando.

E' indispensavel conservar o terreno limpo das hervas, para o que são necessarias sachas repetidas, e d'este cuidado depende muito a colheita.

Na India a cultura é feita sem machinas e a sementeira por meio de semeador ou a lanço; na Asia Central semeiam em covas feitas com plantadores e despontam frequentes vezes para diminuir a rapidez do crescimento da planta.

No Egypto abrem regos á enxada a 0<sup>m</sup>,8 uns dos outros, deixando ficar um espaço de 0<sup>m</sup>,5 a 0<sup>m</sup>,3 entre cada grupo de sementes.

A adubação consiste principalmente em phosphatos acidos e phosphatos naturaes e deve ser regulada pelas exigencias da planta e riqueza do solo nas substancias que atraz deixamos indicadas, vindo a proposito citar um exemplo de adubação: n'uma herdade com 283:290<sup>m</sup>2 no Alabama, gastaram-se 3,5 toneladas de phosphato de cal e 3,5 toneladas de farinha da semente.

Uma outra condição essencial é que o clima seja humido ou, não o sendo, que haja agua sufficiente para uma abundante irrigação, que deve começar um mez depois do apparecimento da planta fóra da terra e prolongar-se pelo menos durante quatro mezes, regulando-se as subsequentes pelo estado hygrometrico da atmospheria e do terreno, devendo notar-se que apesar d'isto o algodão não se dá bem nos terrenos encharcados.

No Brasil, por exemplo, a pluviosidade é grande, havendo mezes em que caem mais de 0<sup>m</sup>,8 de chuva

cuja media annual é superior a 2<sup>m</sup>,5; em outros paizes as chuvas são escasas, como no Perú, onde ha estiagens de 7 annos, e no Egypto, onde tambem chove pouco, mas em ambos elies a proximidade dos rios substitue a falta das chuvas; todavia pode dizer-se que, sob o ponto de vista climaterico, a planta prospera melhor em uma região quente e pluviosa.

No Egypto deixam entrar a agua nas vallas antes da sementeira, e depois repetem a operação com intervallos de 12 a 15 dias.

A analyse das cinzas da fibra, que Royle indica, dá as seguintes percentagens: carbonato de potassio 44,29, phosphato de calcio 25,34, carbonato de calcio 8,97, carbonato de magnesio 6,575, silica 4,12, sulfato de potassio 2,9, alumina 1,4, chloreto de potassio, de magnesia, sulfato de calcio, phosphato de potassio, oxydo de ferro e perdas 6,23, sendo as percentagens das cinzas da semente mais elevadas ainda em acido phosphorico e cal; d'onde se infere que a cultura do algodoeiro exhaurer fortemente a terra, pelo que na India não é semeado no mesmo sitio senão de 5 em 5, ou de 3 em 3 annos.

A necessidade de o subtrahir ás baixas temperaturas que, como dissemos, lhe são altamente prejudiciaes, determina as epochas de cultura nos differentes paizes; no Egypto cavam a terra de Dezembro até fins de Fevereiro e semeiam de Março a Abril, fazendo a colheita desde Setembro, ás vezes, até principios de Janeiro.

No Brasil a sementeira tem logar de meados de Dezembro a principios de Junho, conforme a posição da plantação, fazendo se a colheita de Junho a Fevereiro, e em Pernambuco durante todo o anno.

No Turquestan preparam a terra logo que o terreno o permite, fazendo a sementeira em Abril; a colheita principia no meiado de Julho durante pouco tempo, porque no fim de Agosto as noites são já bastante frias e impedem a maturação das capsulas que, deve notar se, não é simultanea, tendo por isso a colheita de ser feita repetidas vezes e não simultaneamente. O rendimento regula: por 175 kilos por hectare nas altas terras e 250 a 350 nas baixas.

O algodoeiro é atacado por dois insectos, um d'elles vive, no estado de lagarta, sobre as folhas, capsulas e casca, fazendo grande estrago; sob a fórma de borboleta causa menos damno, mas tem o inconveniente de espalhar os ovos por grandes areas, do que resulta a destruição de plantações inteiras. Um outro que os americanos designam por *boll-worm*, hiberna no solo sob a fórma de chrysalida, passando depois de metamorphoseado a viver das flores e capsulas em que penetra, destruindo lhes o conteúdo; este ultimo é destruido em grande parte pela lava da terra.

A folha do algodoeiro é dividida como a da vinha, com a qual se parece bastante, semelhança que Theophrasto faz já notar na sua narração da viagem á India em companhia de Alexandre Magno.

A do Indico tem cinco divisões, a do *Barbadense* geralmente tres, e a do *Peruviano* tres ou cinco conforme as variedades.

Quando a planta attinge o seu completo desenvolvimento apparecem as flores, amarellas ou purpurinas, que duram geralmente um dia apenas, seguindo-se lhes a capsula ovoide e coreacea do tamanho d'uma noz, contendo as sementes que são anegradas, angulosas, medindo de 9 a 10 millimetros por 5, a que adhe a felpa, cujo peso é approximadamente de 1/3 do d'ellas, a qual, tendo attingido o desenvolvimento completo, a faz abrir.

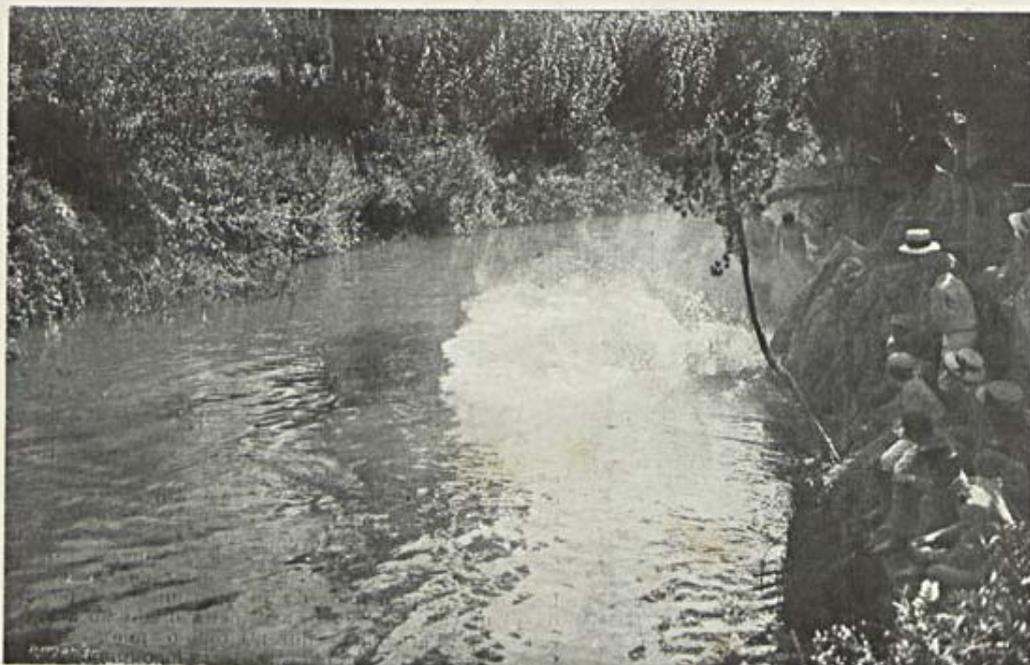
A colheita faz se n'esta occasião, escolhendo dias seccos e de sol, mas não póde ser total porque não abrem todas simultaneamente, encontrando-se no mesmo pé flores e capsulas em diversos



Exercícios de cavallaria em Torres Novas

(Cliche de J. Benoit).

A assistencia



Exercícios de cavallaria em Torres Novas

*Espectadores esperando que cavallo e cavalleiro appareçam ao lume d'agua*

estados de desenvolvimento, acontecendo mesmo, na India por exemplo, não abrirem as capsulas, e algumas apenas parcialmente, o que parece devido a defeitos do processo de cultura, sendo necessario abril as á mão para extrahir a felpa.

A maturação tem consideravel influencia sobre o valor do algodão, que não estando perfeitamente maduro é mais curto, menos elastico e resistente que o maduro e sobretudo não toma certas tintas, pelo que os industriaes lhe chamam *algodão morto*.

A quantidade e limpeza do algodão colhido depende da aptidão do trabalhador que, por até hoje não ter apparecido machina que o substitua satisfatoriamente, é obrigado a tirar com os dedos a felpa de cada capsula.

O algodão deve em seguida ser secco, o que se faz expondo-o em cançadas ao sol ou, se o clima é humido, em fornos, o que tem o risco de tostalo e fazer lhe perder o brilho; depois de secco é desbagoado ou descaroçado á mão, sendo em pequena quantidade, mas mais geralmente por machinas, a primeira das quaes foi inventada em 1794 pelo americano Whitney e denominada *saw-gin*, litteralmente, *engenho de serra*, porque o cylindro desbagoador era guarnecido de folhas de serra circulares, a qual ainda hoje se emprega para os algodões de fibra curta.

Depois d'esta foram inventadas outras mais perfeitas, entre as quaes são mais dignas de menção as de: Platt, Mac-Carthey, Dobson e Barlow.

Além de desbagoado deve o algodão ser completamente limpo de todos os corpos estranhos, e a maior ou menor perfeição da limpeza influe no seu valor commercial; assim é que o americano, cuja limpeza é mais perfeita, é mais apreciado que o da India que apparece misturado com restos de capsulas e outros detritos.

As fibras do algodão resultam do alongamento das cellulas superficiaes da semente que para desenvolver se absorvem a substancia viscosa que ella contém; são constituídas por cellulose quasi pura e revestidas de um verniz que lhes dá o brilho, uma especie de cera, cuja composição é: carbone 80,38, hydrogenio 14,51, oxygenio 5,11, quasi igual á da cera amarella das abelhas.

A fibra não é compacta, como poderia suppôr-se; a observação pelo microscopio revela a existencia de um canal central por onde, durante o desenvolvimento, circula a seiva, fazendo-se assim a nutrição.

Attingindo a fibra o seu completo desenvolvimento cessa a circulação do liquido que mantinha aberto o canal e

a fibra dobra sobre a parede mais fraca tomando a forma de uma espiral irregular cujo numero de espiras chega a ser de 90 por 0<sup>m</sup>,01 em algumas qualidades.

Esta forma espiralada é muito importante sob o ponto de vista industrial, pois é ella que facilita a ligação de umas fibras ás outras na fiação, e lhes dá a elasticidade, que é ainda modificada pela humidade, o que obriga as fabricas de fiação a enxugar alguns algodões, principalmente os da India, nos quaes se encontra tambem em maior quantidade do que nos americanos uns pequenos pontos brancos chamados nós ou botões, resultantes de irregularidade do crescimento das fibras e que lhe prejudicam a resistencia.

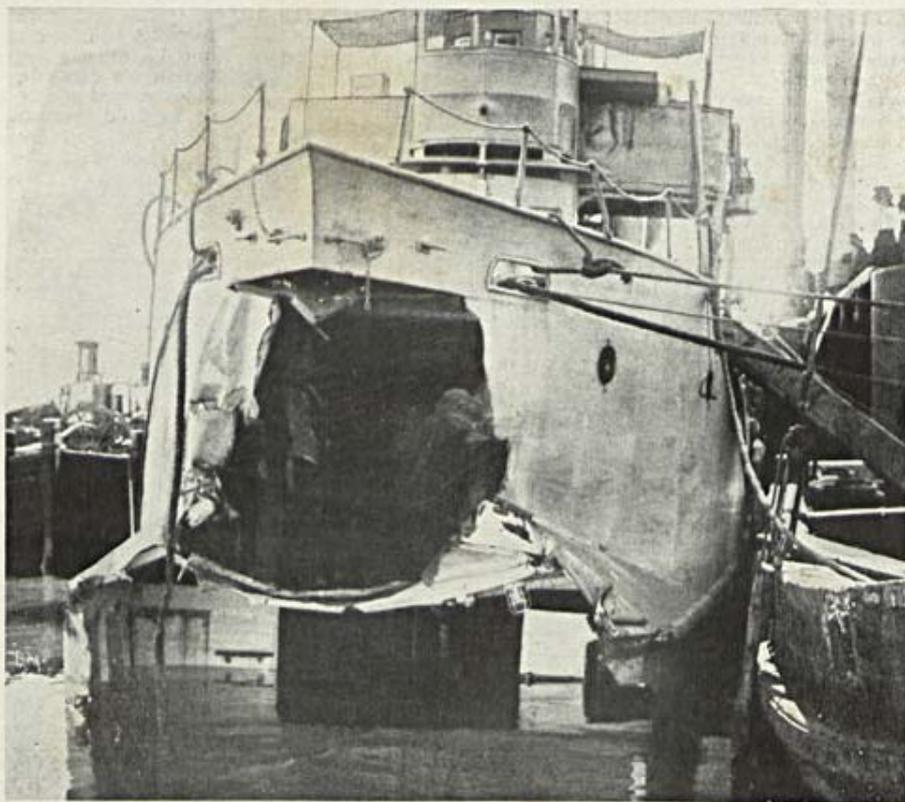
A cor varia desde a branca brilhante até a avermelhada que se encontra no chamado mesmo *Peruviano vermelho*, sendo a mais commum, além da branca, a amarella clara caracteristica d'uma boa maturação da fibra e que é do celebre *Sea Island*, cuja melhor qualidade é a produzida na Carolina do sul, para onde as sementes vieram de Guadalupe segundo uns, de Bahama segundo outros; ha

um outro oriundo de Siam, de que alguns auctores fazem um tipo especial *Gossypium Siamensis* e que possui duas variedades, uma branca e outra cor de café claro.

D'este conta Quatremere Disjonval que em 1784 se faziam nas Antilhas meias superiores ás de seda pelo assetinado e belleza, cada par das quaes se vendia por dez a quinze escudos.

O comprimento é de 0<sup>m</sup>,015 a 0<sup>m</sup>,05, sendo de 40 qualidades photographadas no livro de Nasmith, *The student's cotton spinning*, o mais comprido o *Peruviano macio* e o mais curto o Bengala; sob

## O desastre da canhoneira "Tejo,"



*O rombo produzido no navio em virtude do encalhe nas Berlengas*

(Cliché de A. C. Lima).

este ponto de vista dividem-se commercialmente em dois grandes grupos: os de *fibra comprida e fibra curta*.

Para a fição preferem-se os primeiros que para igual comprimento e grossura de fio dão economia na materia prima e no trabalho de torsão sobre os segundos.

O diametro é tambem variavel não só conforme as qualidades mas ainda dentro de algumas d'ellas que por isso teem inferior coação.

A tenacidade é outra propriedade de grande importancia, que se verifica por meio deapparelhos especiaes, tendo, como é obvio, superior apreço os algodões mais resistentes.

Depois de desbagoado fica o *algodão em rama*, que para o transporte é reunido em fardos de dimensões variaveis conforme os paizes d'origem, e com densidade differente tambem segundo as qualidades do algodão.

Sob o ponto de vista da resistencia do fardo aos diversos agentes que podem prejudical-o, inclusivé o fogo, é preferivel a grande densidade, mas nem todos os algodões resistem igualmente sem prejuizo ás mesmas pressões; assim o algodão da India póde ser enfardado sob uma densidade dupla da do americano ou egypcio.

Os fardos são comprimidos á prensa hydraulica ou de vapor, envolvidos em grossaria e cintados com arcos de ferro cravados nas pontas.

Como o algodão americano não póde ser muito comprimido usam enfardal-o em cylindros formados pelo enrolamento em espiral da larga faixa da rama sahindo directamente do descaroador.

O principal emprego do algodão é para o fabrico de fio destinado na sua maior parte á execução de tecidos que sob o ponto de vista de agasalho são inferiores aos de lã mas superiores aos de linho, sendo-lhes absolutamente preferiveis para a confecção da roupa branca.

Como dissemos atraz, é cellulose quasi pura; querendo extrahir-lhe por completo as impurezas ferve-se em uma lixivia diluida de potassa, lava-se em agua, primeiro simples, depois chlorada, seguidamente em alcool e por fim outra vez em agua pura, secando a 100°.

Immergindo durante alguns instantes o algodão em rama em uma mistura de duas partes de acido azotico fumegante e cinco de acido sulfurico, lavando em agua pura até á eliminção completa dos acidos e seccando com cuidado obtem-se o algodão-polvora que é um explosivo energico.

Este producto dissolvido em um mixto de alcool e ether dá o collodio que serve na photographia para suporte das preparações sensiveis á luz e na medicina, geralmente misturado com oleo de ricino, para evitar que seccando se retraia, para cobrir feridas, subtrahindo as partes desnudadas ao contacto do ar.

O algodão-polvora misturado com camphora e alcool dá ainda origem a um novo producto, o *celluloide* que misturado com outras substancias destinadas a dar-lhe cor ou dureza, serve para fazer cabos de guarda-soes, e de diversos utensilios: facas, escovas, etc.; caixilhos para retratos, pentes, imitações de tartaruga, coral, etc.

O celluloido adicionado com oleo de ricino é empregado no fabrico dos punhos, collarinhos e peitilhos, etc., chamados de *borracha* e que, como se vé, de borracha nada teem.

Na therapeutica tem, como é sabido, grande applicação o algodão em rama no tratamento das queimaduras, feridas, erisipelas, etc., sob a fórma de *algodão hydrophilo* que se prepara quando-o fortemente, lavando-o em lixivias alcalinas diluidas e quentes, passando-o por solução de chlorreto de calcio para branquear, depois por agua de sabão fraca e neutralisando algum resto alcalino com solução acida muito diluida, lavando por fim com muita agua limpa.

É este algodão que impregnado de soluções antisepticas toma respectivamente os nomes de *algodão phenicado, boricado, etc.*

Já da casca das capsulas se tem, principalmente em Inglaterra, feito papel; as sementes possuem tambem propriedades medicamentosas, mas o seu principal aproveitamento é para a extracção do oleo que é um pouco seccativo e usado principalmente para il-



O algodão adulto

luminção e fabrico de sabões, mas bem purificado é comestivel, servindo frequentes vezes para falsificar o azeite.

O bagaço da extracção do oleo póde dar-se aos carneiros, mas se contiver ainda restos de fibra só serve para estrume.

Finalmente a infusão das folhas e flores do algodoeiro é empregada como medicamento nas irritações pulmonares e dysenteria e a raiz é diuretica.

## NOTAS HISTORICAS

### Caracteres numericos que se teem usado em Portugal

<i>J</i>	<i>y</i>	<i>uy</i>	<i>uy</i>	<i>b</i>	<i>bj</i>	<i>by</i>	<i>buj</i>	<i>ix</i>	<i>x</i>	<i>xx</i>	<i>xxx</i>	<i>V</i>	<i>L</i>	<i>LX</i>	<i>LXX</i>
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	20	30	40	50	60	70
<i>LXXX</i>	<i>LXV</i>	<i>C</i>	<i>Ç</i>	<i>ouj</i>	<i>y</i>	<i>uy</i>	<i>uy</i>	<i>b</i>	<i>bj</i>	<i>jou</i>	<i>J</i>	<i>y</i>	<i>uy</i>	<i>b</i>	<i>by</i>
80	90	100		200	300	400	500	600		1000		2000	3000	5000	70000

Numeração romano-luzitana

Tres especies de numeração teem sido usadas no nosso paiz: — romano-gothica, romano-luzitana e arabica. A primeira teve uso entre nós desde os seculos mais remotos de que nos restam documentos até ao reinado de D. Fernando e não é afinal senão a antiga numeração romana alterada nos caracteres com o gosto gothico. A segunda, que é representada pela curiosa gravura que hoje offercemos aos nossos leitores, é originaria do nosso paiz, comquanto tambem participe um pouco da numeração latina, e usou-se desde o reinado de D. Fernando até ao reinado do usurpador D. Philippe I.

D'ahi por deante accentuou-se então o uso do algarismo arabico que de resto já apparece, embora raramente, em documentos muito mais antigos.

Ainda assim a numeração romano-luzitana custou a desaparecer. Ainda que misturada com a arabica vé-se muitas vezes em documentos do tempo de D. João IV.

Ao contrario o algarismo arabico custou a impôr-se, como se observa pela forma mal feita com que alguns apparecem em antigos documentos e pela confusão dos algarismos uns com os outros em especial do 1 com o 2.

# A catastrophe de Bruxellas

Alguns aspectos da grandiosa exposição antes do incendio que a destruiu quasi por completo



1 — Pavilhão de Bruxellas  
2 — Pavilhão da Hollanda  
3 — Pavilhão da Tunisia

5 — Pavilhão da Argelia  
6 — Rua das Nações  
7 — Pavilhão da Hespanha

4 — Reprodução da cidade de Bruxellas  
no seculo XVII

Na noite de 14 do mez findo, na secção «Bruxellas Kermesse» da Grande Exposição Internacional de Bruxellas, declarou-se um incendio que em pouco tempo destruiu por completo aquelle trecho do grandioso certamen, que era uma reconstrucção da antiga cidade do seculo XVII, communicando-se em seguida aos pavilhões da Belgica e Inglaterra, que totalmente se perderam, e depois aos da França, Italia e outras nações, que tambem soffreram prejuizos importantissimos, não havendo porem, felizmente, victimas a lamentar.

# NO LIMOEIRO

## Uma historia triste — Criminoso ou innocente?

Não costuma o *Brasil-Portugal* occupar-se de casos como aquelle de que vamos tratar e que pela sua natureza especial fazem parte do noticiario dos jornaes diarios, mas tanto se tem falado d'este e são de tal ordem os personagens n'elle envolvidos que nos julgámos no dever de archivar n'esta Revista algumas notas sobre o assumpto, acompanhando os instantaneos obtidos pelo nosso collaborador photographico, que para tal fim enviámos ao Limoeiro.

Trata-se d'um triste caso que mais ou menos todos conhecem, triste sob todos os aspectos e ainda mais por envolver uma familia respeitavel pela nobreza dos seus antepassados, entre os quaes ha nomes illustres que a historia portugueza regista com letras d'ouro.

A desgraça é sempre para lamentar attinja quem attingir, porque o sentimento da dôr physica ou moral não é nem nunca foi privilegio d'esta ou d'aquella classe. No entanto, nos tempos que vão correndo e no caso citado, somos levados a lastimar ainda mais as familias de representação social resultante da evidencia dos seus antepassados. Quasi sempre, quando a in-

filho d'um taberneiro, ao passo que outros affirmam descender da melhor nobreza castelhana, sem que até hoje o principal interessado n'este ponto se tenha occupado d'elle senão para affirmar que seu pae foi vice-consul de Hespanha na Regoa.

E' accusado d'um crime repugnantissimo, de que foi victima sua propria filha e parece, segundo cartas que tem enviado aos jornaes, que contra elle prestou declarações sua esposa, D. Bertha Peixoto Padilha, senhora pertencente á melhor nobreza do reino, pois descende de D. Egas Moniz, o aio de D. Affonso Henriques, e está aparentada com muitas das mais fidalgas familias do paiz como se deprehe de dos appellidos de seu pae, D. Antonio Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva de Sousa Padilha de Seixas d'Haucourt, e dos de sua mãe D. Bertha Soares d'Albergaria de Roxas e Lemos de Menezes.

Claro está que não vamos discutir o assumpto — não devemos nem podemos faze-lo por muitas e variadas razões que facilmente



O Limoeiro



D. Manuel Gonçalves Gomes Jacques Pires e o quarto que actualmente occupa nas aguas-furtadas da cadeia do Limoeiro no corpo do edificio situado á esquerda do portão de entrada

(Clicada de A. C. Lima).

felicidade as alcança, ellas tem de soffrer, ainda por cima, a dôr de se verem apontadas por uma certa gente com uma especie de prazer que é como que uma vingança a tirar da situação especial d'essas familias a quem não cabe culpa de terem herdado os nomes dos seus avós, as suas fortunas, os seus brazões, as suas qualidades ou os seus defeitos. Tal gente finge ignorar o ditado — *no melhor panno cae a nodoa* — e a philosophia humanitaria que elle encerra.

N'um quarto do ultimo andar do historico palacio do conde de Andeiro, onde de ha muito está installada a cadeia do Limoeiro, jaz, esperando a occasião de seguir para o degredo, um condemnado a quem bem pouco generosamente, visto que procede d'um pequeno defeito physico, dão a alcunha de *Pé Coxinho* e que se assigna D. Manuel Gonçalves Gomes Jacques Pires, dizendo uns que elle é

se comprehendem. Não devemos condemnar quem afinal já está condemnado e tambem não podemos defender o supposto criminoso porque para isso nos faltam elementos. No entanto e porque este garante estar innocente, sempre lembraremos que não é a primeira vez que se praticam erros judi- ciosos e que a sociedade contempla victimas imaginando ter deante de si culpados.

O que, porém, não soffre duvida é que, em qualquer dos casos, a verdadeira victima ou pelo menos aquella que mais devemos lamentar é a infeliz senhora, esposa de D. Manuel, a qual vive hoje pobremente, minando-lhe a existencia o enormissimo desgosto de ter visto descer até ao ultimo degrau da escala social uma de suas filhas, formosa e bem prendada, segundo nos dizem. Se realmente seu marido praticou o crime de que o accusam e assim contribuiu para que a pobre menina, sua filha, cahisse em tanta desgraça, comprehende-se, imagina-se o medonho soffrer da infeliz senhora, comquanto não haja palavras que possam descreve-lo. Se, porém, em todo este tristissimo caso houve uma serie tal de circumstancias, de intrigas movidas por um vil interesse, que a levaram á indisposição contra seu marido e ao convencimento de que elle era um esposo indigno e um pae mais do que infame, se só tarde e quando já não era tempo de evitar o mal que estava feito ella se convenceu de que tinha sido victima d'uma cilada, então o seu viver não deve ser menos doloroso nem a sua infelicidade menos digna de respeito.

Estas hypotheseas que aqui deixamos formuladas são-nos suggeridas pelas affirmativas do condemnado: que suas filhas muitas vezes na cadeia da Relação do Porto lhe pediram perdão dos desgostos que, inconsideradamente, lhe tem feito soffrer e de que possui copias de cartas e memoriaes assignados por sua esposa, demonstrando a innocencia de D. Manuel e supplicando o seu perdão.

Sendo assim, como é que houve um jury que o condemnou e porque não appella o condemnado para o tribunal da opinião publica, dando publicidade a essas cartas?

Emfim, respeitemos a decisão da justiça e o silencio sobre o caso acima de quem ou foi a sua victima ou está soffrendo o justo castigo d'um crime revoltante.

Do casamento de D. Manuel Gonçalves Gomes Jacques Pires com D. Bertha Peixoto Padilha houve tres filhos: D. Egas Moniz, D. Esther e D. Marianna. Uma biographia que temos presente descreve-o como sendo um pae amantissimo e um esposo cheio de ternura.

O retrato de D. Egas Moniz, que hoje publicamos, foi-nos enviado



*D. Egas Moniz Gomes Padilha*

por seu proprio pae, que o aponta como tendo-se-lhe sempre conservado leal.

Não ha duvida que D. Manuel é homem illustrado. Provam-no as suas cartas e alguns trabalhos seus que aqui temos presentes, relativos á partilha do casal deixado por seu sogro, D. Antonio Peixoto Padilha, e muitos dos versos que nos enviou e que fazem parte d'uma obra que está escrevendo acerca da sua vida. D'esses versos destacamos os tres sonetos que vão a seguir e n'um dos quaes D. Manuel aponta o cunhado como sendo um dos seus mais encarniçados perseguidores.

A MEMORIA DE MEU SOGRO

D. Antonio Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva  
de Sousa Padilha Seixas d'Haucourth

Bouquet do ceo na tua campa cáia...  
.....  
Tu foste mau, tu odio me tiveste,  
Mas outrem, que de triste esposa houveste,  
Mais cruelmente contra mim se espráia...

A mão divina o teu martyrio esvaia...  
.....  
Deus te revolve, e veja que essa peste  
Merece mais a vida, a luz celeste  
Que sobre o filho gentilmente raia!...

N'um dia, n'uma hora, n'um minuto,  
Teu filho, mais que tu em largos annos,  
A' minha vida impoz cruel tributo:

Vem ver a obra d'elle e d'uns maganos:  
Teus nétos sem um pão, — deshonra e luto!...  
.....  
Tu foste bem melhor que taes ciganos.

Reflexo das minhas lagrimas

A MEU CUNHADO

D. Egas Moniz Coelho

Que mal te fiz, D. Egas, que me odás,  
Se tua irmã, que Deus fez minha esposa,  
Adoro como o lirio a mariposa,  
E te doe o sangue meu (!) das vês!?

Olhae que Bertha, a quem a vida enléas,  
Livrei de certa garra indecorosa (?),  
Vinguei-lhe a dôr, a vida tormentosa,  
Cingindo-a de carinho e melopéas!

Porque só eu a achei bondosa e bella,  
Amando-a, e mais aos filhos, com transporte,  
E' que me fazes guerra e a parentela?

Deixae-me em paz, aos filhos e á consorte!...  
Esse odio é para bem da prole e d'ella?  
Mandae-me, então, de vez..., n'um tiro, a morte.

(?) Tinha-lhe confiado os meus bens.

(!) Refiro-me ao pae.

BURROS!...

«Não tem mais que fazer...» Vós, animaes,  
Ao lerdos os meus versos... tal dizeis. —  
Emquanto a cauda e o freio assim mordeis,  
E do moscardo a coice vos livraes:

Resisto a seis questões judiciais;  
Dou instrucções a varios bachareis;  
Dirijo-me aos juizes com as leis,  
Cultivo a palha e o grão que mastigaes.

Trato da vida, ó asno, ó malandrim,  
Que fingis não sentir o meu calção  
Nas chagas que escondeis sob o selim!

Rinchando assim, retiro-vos o grão:  
Dae o devido apreço ao pingalim  
N'este exercicio d'alta equitação.

*D. Manuel Gonçalves Gomes Jacques Pires.*



*Na cadeia da Relação do Porto  
Em pé: — D. Manuel Jacques Pires*

Longevidade dos animaes

O cavallo e o jumento vivem, ordinariamente, 35 annos; o boi, 30; o cão, 25; o carneiro, a cabra, o porco e o gato, 15; o coelho, entre 8 e 10; o pato, a gallinha e o perú, 12; o pardal, 25; o corvo e a gralha, 100; o papagaio e o elephante, de 150 a 200 annos.

Mas um dos animaes que tem durado mais tempo é uma tartaruga existente no Jardim Zoologico de Londres.

Peza apenas 250 kilogrammas e goza d'uma excellente saude. Nasceu em 1750, vivendo pois ha seculo e meio.

Esta velha tartaruga já foi celebrada n'um artigo de jornal em 1810.

## Igrejas, mosteiros e capellas

## Uma cega que não foi a Lourdes



Fachada da Capella do Coração  
Eucharístico de Jesus

## Capella do Coração Eucharístico de Jesus

Nos tempos que vão correndo, em que a descrença se pretende impôr sem que ao homem a quem se arranca a fé se offereça outra cousa que não seja a rude evidencia das necessidades da vida, é-nos grato registar nas paginas d'esta Revista a edificação, em Lisboa, de mais um templo — a Capella do Coração Eucharístico de Jesus.

O novo templo cuja construcção, muito solida e elegante, levou cinco annos, deve-se aos esforços da Confraria de Nossa Senhora do Carmo e aos do reverendo padre Antonio Rodrigues Soares, thesoureiro da freguezia dos Anjos.

Está situado quasi a meio da rua Renato Baptista. A sua fachada toda em estylo gothico, resguardada por um gradeamento de ferro do mesmo estylo, tem tres portas encimadas por duas janellas de construcção elegantissima. Alem do altar-mór a nova capella tem mais dois, um do lado do Evangelho e o outro do lado da Epistola. Os nomes das imagens que os adornam vão mencionados por baixo das gravuras respectivas, devendo, porém, accrescentar-se que essas imagens são de uma grande perfeição.

Na capella-mór ha duas tribunas, o throno e o sacrario são dourados com ouro fino, vendo-se por cima uma magnifica pintura representando a ceia do Senhor e no tecto dois anjos adorando o Santissimo.

Por cima do arco do cruzeiro lê-se a seguinte inscripção em latim:

*Vinde a mim todos  
Eu sou o caminho da verdade e da vida*

Todos os altares teem lampadas de prata, bellas jarras, e toalhas com rendas de valor.

O novo templo tem um côro muito espaçoso e bem illuminado, pulpito, confessionario, sacristia com todas as accomodações necessarias, uma casa para reuniões e um carrilhão que depois de completo deverá ter dezoito sinos de bronze, os quaes serão tocados por tres teclados para as mãos e um para os pés.

Resta dizer que a nova capella, já aberta aos fieis, possui uma magnifica collecção de alliaias de todas as côres com finissimas guarnições e roupas brancas adornadas de rendas caras.

Nas ruas encarvoadas e tristes da minha aldeia, anda uma ceguinha, de 9 annos, arrastando a sua sombrasita em passos curtos de amargura e receio.

A sua noite fracamente allumiada por uma recordação visual, tem apenas duas estrellas, entre as quaes caminha: o altar da Virgem, onde vai pedir remedio, e o regaço da mãe em que adormece, ás noites, a soluçar.

Frequentemente, encontra-se sósinha, a meio de uma rua, de mãos abertas nas paredes das casas baixas e pobres, por onde segue tacteando, de pedra em pedra, com os péritos empanados dos tropeções dados nos gumes dos seixos.

— e, por aqui que se vai para a Igreja? — pergunta apalpando as pedras, ao sentir os passos d'alguem que se encontra com ella. E recolhida a indicação, segue roçando-se pelas paredes asperas, bracejando de pedra em pedra, até dar entrada na Igreja.

Quando volta, unicamente guiada pela sua melhor luz — que é a frontaria negra e tortuosa da casaria — a pergunta é outra:

— Vou bem por aqui, para casa de minha mãe?

— Vaes, filha, vaes bem...

E os moradores das casas, ao ve-la tam pequenina e tam cega no meio de tanta luz, vêm ás portas, lastimando em prece:

— Coitadinha! Mais valera Deus leva-la!...

Na primavera passada ainda a Isabelita tinha olhos, uns olhos de diamante negro, tão accesos e lusentes, que as borboletas, á hora da ceia, deixavam a luz da candeia, para voejarem á roda da sua cabecita encantadora.

Mas, um dia, acordou mordida da variola, com tantas bexigas e



Capella do Coração Eucharístico de Jesus

Lado do Evangelho — De cima para baixo: S. Luiz Gonzaga,  
Santo Antonio e Nossa Senhora de Lourdes

Lado da epistola — De cima para baixo: Santa Iñez, S. Sebastião e S. Jose

Do lado esquerdo da capella mór: S. Francisco

(Cliche de A. C. Lima). e do lado direito: Santo Ignacio

tão vorazes, que lembravam um rebanho de vermes famintos roendo a doçura tenra de uma rosa branca.

A mãe vigiou-a carinhosamente, dias e noites, espreitando-lhe, em cada minuto, os olhos sempre lípidos e vivos, tão escuros e tão negros, que os microbios, ao chegarem à extremidade das palpebras, pareciam recuar, julgando que a carne terminava ali...

Por vezes, a Isabelita levava as mãos ao rosto para esmagar nos dedos febris as mordeduras, mas acudia logo a mãe a prender-lhe os braços... ficando-se torturada, a guardar o repasto d'aquelles monstros que se alimentavam na carne doce da filha.

De todo o corpo, só os olhos permaneciam intactos, com scintilações claríssimas, e a mãe attribuia, intimamente, á sua vigilância, esta maravilhosa inviolabilidade.

Uma noite, porém, o dinheiro faltara. Apesar do bico estreito da candeia, o gasto do petroleo era tanto!... Para mais sem poder trabalhar...

E, n'essa noite, resolveu velar ás escuras, sentada no soalho, á cabeceira da doentinha.

xar as muletas, cegos que iam em busca de olhos claríssimos. O ponto era ter fé e trazer a alma a bem com Deus. Depois, bastava afogar o mal na agua da gruta para voltar a saúde.

A Isabelita ouvia o pae sacudida de febre. No coraçãocito branco, ardia-lhe uma luz doirada e suave como a chamma da vela que vira a arder no meio dos lyrios, em frente do altar de Nossa Senhora. Tremiam-lhe as mãos e os hombros, vinham-lhe á garganta chammas de alegria. E todas estas commoções se lhe reuniam e intensificavam nas palpebras cerradas que, em movimentos violentos, queriam descerrar-se em duas torrentes de luz.

Quando o pae sahio, depois de contar milagres de fé, a ceguinha debruçou-se a gemer no regaço da mãe.

— Mãe, eu se fosse a Lourdes, Nossa Senhora dava-me outra vez olhos?

— Oh! Filha, podia lá ser! Só para comida e comboio, a dinheirama que era precisa!

— Também, por um dia de caminho, bem passava sem comer, e quem quer me levava ao collo?



Capella do Coração Eucharístico de Jesus

*O altar do lado do Evangelho*

Da esquerda para a direita: Santa Theresa de Jesus, Nossa Senhora do Carmo e S. Simão Stock



Capella do Coração Eucharístico de Jesus

*O altar do lado da Epistola*

Da esquerda para a direita: Nossa Senhora das Dóres, Senhor Jesus da Salvação, Menino Jesus e S. João Evangelista

(Cliche de A. C. Lima)

Antes de apagar a luz, beijou a filha a chorar.

— Eu morro, mãe? perguntou a pequenina.

— Não, filha... Pois Deus deixava-me lá só?!...

— Mas, então, porque está a chorar?

— E' de alegria, minha filha... de te vêr melhor...

E voltando o rosto, tão apertada de soluços tinha a garganta que não lhe foi possível expellir um sopro sobre a luz da candeia. Apagou-a na ponta do avental molhada de lagrimas.

Com o escuro da noite, a variola, livre do olhar da mãe, precipitou-se sobre os olhos da Isabelita. (Ha brutalidades que nenhum ser as comette sem fechar os olhos, sem esperar a noite: é roer uns olhos de creança!) Na manhã seguinte, ao nascer do sol, os olhos da Isabelita tinham-se apagado para sempre.

Ha dias, o pae, voltando da Guarda, onde fôra vender a carga do carvão, contou á mulher que, em breve, sahiria da cidade uma peregrinação a Lourdes, em busca de fé e de milagres. Partiam de todo o Portugal doentes de mil achaques. Aleijados que iam lá dei-

— Mas a maçada, filha? Para te levarem, trazerem-te, darem-te de comer, vestirem-te... Sabes lá, Isabel, o trabalho que isso dá a quem não é mãe?!

— Mas era só um dia, porque em chegando a Lourdes tinha logo vista.

Pouco depois reentrava o pae em casa, encontrando-as abraçadas, a soluçar. Carinhoso, desprendeu a Isabelita da mãe, como quem separa amorosamente um botão fechado que cresceu e se enlaçou no mesmo pé de uma rosa aberta. Estavam tão unidas na mesma dôr!...

E sentou-a nos joelhos reclinando-lhe a cabecita no peito:

— Olha, filha: se Nossa Senhora quizer, até de Lourdes te manda a agua pela ribeira...

E desviou os olhos, rapidamente, da cabeça da filha, para lhe não deixar cahir nos cabelos duas lagrimas grossas.

Nunca mais em casa houve occasião de se falar na viagem a Lourdes. E a Isabelita continua esmorecida como uma rolinha cega piando no escuro do carcere:

— Para assim ficar sempre mais me valia morrer!

Agosto de 1910.

Padre Alvares d'Almeida.

## ALEGRES VELHINHOS

Elle, um velhote inda entesando a perna.  
D'uns restos de vigor fazendo alarde;  
Ella, submissa, — um quê de subalterna —  
De olhar tão meigo como a luz da tarde.

Elle inda mais, agora na velhice,  
Seu garbo ostenta a quem lhe foi mais caro;  
Ella a seu braço, toda amor, sorri-se,  
Gostosa de humilhar-se áquelle amparo.

Memorias, que andam sempre em revoadas  
E vêm nos corações pousar contentes,  
São quem lhes muda em vivas alvoradas  
A luz dos melancolicos poentes.

Se um melro canta o luminoso dia,  
Mal desce a noite, um seu rival gorgeia,  
E verte o mesmo encanto a melodia  
Cantada ao sol, cantada á lua cheia.

Quando o cahir da treva nos enluta  
E o limpido sereno desce brando,  
Feliz quem dentro na su'alma escuta,  
Saudoso e meigo, um rouxinol trinando!

Doces velhinhos, nem um só desgosto  
Lhes vem turbar os intimos harpejos,  
Que, se uma lagrima esplendeu n'um rosto,  
Labios souberam resarcir-a em beijos.

O' lagrimas bebidas, almas meigas  
De fulgidos brilhantes cravejai-as,  
Orvalho orlando puro a flor das veigas,  
Nas mais humildes suspendendo alfaias!

De luz, de muito amor bebadosinhos,  
Com todos vão trahindo seu segredo,  
Lembrando primaveras, doces ninhos,  
Fontes no musgo e queixas do arvoredo.

No mesmo dia e n'um só beijo, a morte,  
Arroube-os em suavissimo desmaio,  
E dé-lhes gente boa a boa sorte  
Da mesma cova n'um rosal em maio.

D. João da Camara.

## A camponeza dos arredores de Coimbra

Deviam saber latim e grego as *tricanas* do tempo das *cathedri-lhas* de Scoto, e do dominio de Aristoteles, devem conhecer perfeitamente Augusto Comte e Herbert Spencer as *tricanas* ue agora. Em Lisboa as sopeiras conhecem intimamente os filhos de Marte, em Coimbra as *tricanas*, que são muitas vezes as serventes d'aquelle bairro latino, conhecem os filhos de Minerva; por isso tambem devem olhar com desdem supremo para as filhas de Lisboa, que têm de trazer os seus amores pela vulgaridade das casernas e das esquadras, enquanto ellas têm por adoradores toda a futura magistratura judicial.

Alli onde as vêem são as verdadeiras Lauras de todos os Petrarchas da nossa terra. As estrophes que um estudantinho poeta solta á brisa dos vinte annos são quasi sempre dedicadas a alguma *tricana* dos bons tempos. Quando Camões fez a côrte a Natercia, já era homem erudito, que sabia Petrarcha de cor e salteado e por isso lhe dirige uns sonetos magistraes, que muitas vezes — maganão — se limitam a ser uns exercicios de rima no genero das do poeta de Vaucluse. Mas as trovas sinceras peninsulares a valer, filhas das inspirações do Mondego, nascidas espontaneamente entre os salgueiraes como as flôres silvestres, essas, por Deus, illuminou-as com o negro olhar de alguma *tricana* de Coimbra. Depois, no fim da vida, quando já o sol do Oriente lhe queimára o sangue e lhe accendera nas veias as extranhas concupiscencias dos climas tropicaes, até as pretas o captivaram. Triumphava nos ultimos annos do poeta a pretinha saracoteante e o provocante mexilhão, mas na aurora da sua existencia foram as seductoras *tricanas*, portuguezas de lei, de olhar escuro e brilhante como uma noite estrellada, de corpo flexivel e elegante como um arbusto novo, de voz suave como as melodias do Mondego, que lhe fizeram andar a cabeça á roda. Romantico no principio, realista no fim, foi classico no meio. Catharina de Athayde é a inspiradora official, a musa, a Natercia, que Camões adora de lyra em punho e de corôa de loiros na cabeça, mas a *tricana* da mocidade, a *Lianor* que vae de cantaro á fonte, essa é a inspiradora nacional e adorada pelo poeta ao som da guitarra da sua patria, sob o luar sereno do nosso bom céu portuguez.

Assim n'um momento dado da sua vida encontram-se alli em Coimbra os rapazes gentis e enamorados e as galantes e divinas *tricanas*. Foram ellas o sonho d'aquellas adolescencias em pleno verdor, e elles o ideal supremo d'aquelles corações feminis, que despertam na abençoada ignorancia da vida, mas depois passaram os cinco ou seis annos sacramentaes, veiu a barba aos rapazes e o rude trabalho ás raparigas; elles sahiram de Coimbra, advogados, medicos, prelados, engenheiros, homens graves, condecorados, maçudos

## Um "pic-nic" em Alfeizerão, na propriedade do sr. Victorino Proes



Um trecho da assistencia, vendo-se entre outras pessoas senhoras das familias Castilho, Reynolds e Brederode

(Clicé de J. Benolle).

e maçadores, casaram com umas burguezas ricas e gordas, ou com umas fidalgas anemicas e espevitadas, e de quando em quando, no aborrecimento do seu lar prosaico, sentem passar com uns sopros de mocidade a imagem dulcissima da tricana ignorante e ingenua que adoraram dois dias! Ellas sentiram deformar-se-lhes o corpo sujeito aos rudes trabalhos do campo, casaram com alguns lapuzes que lhes batesm, e quando estão a esfregar alguma casa, ou a ensaboar alguma roupa, com as farripas do cabello já grisalho a cahirem sobre os olhos, vêem tambem, com um suspiro, passar entre os salgueiros a imagem fina do estudante que vinha ao seu encontro, de livros a tiracollo e que ás vezes falava nas maravilhas ignoradas da poesia e da sciencia!

*Pinheiro Chagas.*

## Miserere

Tem de mim compaixão, Deus de bondade;  
Apaga a luz má, que em mim se agrava,  
Que é grande a tua immensa piedade.  
Largamente, Senhor, me purga, e lava  
Da minha iniquidade, e vil peccado  
Qu'alma me contamina, e me deprava.  
Conheço, onde me tem precipitado  
O meu delicto mau, que enfurecido  
Sempre contra mim vejo conspirado.  
Fui no seio da culpa concebido  
E em mil iniquidades, e torpezas  
Andou meu coração sempre envolvido.  
As Sciencias, que tu, Senhor, mais prezas,  
Manifestaste a mim, com que cantei  
Teu nome não, mas mundanaes empezas.  
Manda sobre a minh'alma, oh! Summo Rei,  
O santo orvalho da Celeste Graça,  
E mais que branca neve alvo serei.  
Das culpas donde vem minha desgraça  
Vossa face arredade: fazei que em pranto  
O meu coração duro se desfaça.  
Lavae-me as manchas do terreno manto:  
Entoarei, Senhor, vossos louvores  
Com puro espirito em devoto canto.  
Ensinarei aos cegos peccadores  
A honrar vosso nome, já despídos  
De seus impios delirios e furores.  
De inimigos livrae-me enfurecidos,  
Deus, Deus da minha bemaventurança  
Salvae-me de seus golpes insoffridos.

Oh! gloria de Syão, minha esperança  
Não desprezeis um coração constricto  
Que em vós, Senhor, repousa, em vós descança.  
Meu rogo ardente ouvi, que a voz em grito  
Cá dentro escuro abysmo de tristeza  
Ao vosso throno envia, alto, infinito.  
Formae em mim um templo de pureza,  
Onde oblações; onde holocaustos sanctos  
Recebereis, Deus bom, de alta grandeza:  
Onde depois de penitentes prantos,  
E puros sacrificios de acções justas,  
Levem o vosso nome eternos cantos  
Do pólo frio ás regiões adustas.

(Seculo XVIII).

FRANCISCO DIAS GOMES.

## O lago de Genezareth

O lago de Genezareth é a joia da Galiléa. Não é uma saphyra sempre azul: as suas aguas parecem-se com a opala de reflexos cambiantes. Quando o céu n'elle se reflecte, brilhante de branca luz, apparece todo a alvejar tambem, como a neve do Hermon.

O olhar não distingue já onde é que o lago acaba e onde principia o céu. As collinas das duas margens adoçam, afastando-se, as suas arestas e o seu matiz. As mais proximas tingem-se com uma cor de violeta sombria, as mais distantes com um azul pallido. A tarde, depois do pôr do sol, o lago parece adormecido, as suas aguas sem rugas, presas, tomam umas tintas metallicas. Visto na sua largura, confunde-se com a terra; uma linha brilhante como uma lamina de aço mascara a praia. As collinas reflectem-se vagamente em largas faxas violaceas, assetinadas, n'um fundo verde. Por instantes, desce um sopro da montanha e franze, sem a perturbar, a bella toalha immovel; é como que um frémto. A medida que o dia declina, as cores do lago apagam-se a pouco e pouco e perdem-se n'um cinzento roxo, como o céu. Ao nascer das estrellas, a brisa refresca, a vaga quebra-se nos seixos, acaricia as moitas de eloendros e agita os grandes cannaviaes. Os antigos, diz-se, tinham-lhe chamado Kinnerot, porque tinha a fórma de uma harpa, o «Kinnar» dos Hebreus. D'elle tem a harmonia.

*Padre Didon.*

A cabeça de muitas pessoas parece-se com as casas; o andar mais alto é o peor mobilado.

*Bacon.*

## Uma garraçada em Alfeizerão



Em cima o cavalleiro Victorino Froes — A' direita D. Ruy da Camara (Ribeira), tendo aos pés a sua victima

(Cortes de J. Benolli).